

O Brasil republicano de Antonio Callado em *Reflexos do Baile*

Glener Ochiussi
FFLCH-USP
Doutorando em História Social
glenerochiussi@usp.br

Resumo: Originalmente publicado em 1976, *Reflexos do Baile*, de Antonio Callado, é uma ficção caleidoscópica. Nessa pesquisa, analisaremos a interação alegórica identificada em *Reflexos* entre os primeiros anos após a proclamação da República no Brasil e o tempo histórico central do respectivo romance. Em paralelo, problematizaremos certas “feridas históricas” prospectadas nas entrelinhas do texto literário ora estudado. A conclusão é que em *Reflexos do Baile* Callado posiciona-se contra a manipulação da história brasileira e a favor da história dos vencidos.

Palavras-chave: Antonio Callado; Literatura e História; *Reflexos do Baile*.

Introdução

Rio de Janeiro, 1974. Após receber um adiantamento da editora, Antonio Callado começa a escrever um novo romance. No mercado editorial da época, somente autores consagrados possuíam esse privilégio. Assim, publicado em 1976 pela editora Paz e Terra, *Reflexos do Baile* é um marco na carreira de Callado. Com ele, o autor de *Quarup* torna-se um romancista profissional. Elaborada em Petrópolis, a respectiva obra é um mosaico de retalhos textuais. Sabe-se que o autor escreveu os excertos sem respeitar uma ordem prévia para, na sequência, organizar o material imprimindo-lhe uma sistematicidade mínima. Logo, a fragmentação é a principal característica de seu enredo.

Concebido em três partes (A véspera, A noite sem trevas e o dia da ressaca), a estrutura de *Reflexos* é composta por cartas, bilhetes e relatórios provenientes da repressão. Neles constam documentos em que se registram apenas os destinatários. Dessa maneira, a autoria das passagens somente é verificada por meio da aproximação do leitor virtual com o estilo de escrita de cada personagem. O narrador, por sua vez, raramente intervém. Quando o faz, seus comentários restringem-se às notas de rodapé. O conjunto estilístico do romance é, portanto, refinado. Atenta a isso, a editora traçou para o livro um amplo projeto de divulgação comercial.

Dessa forma, com a publicação *Reflexos do Baile*, Antonio Callado passa a viajar rumo às principais capitais do Brasil a fim de divulgar o seu trabalho. Nessas localidades, o autor autografa volumes e interage com os leitores. Em paralelo, a Paz e Terra começa a propagandear a obra em jornais nacionais de ampla tiragem. Sobre a referida editora,

Flamarion Maués afirma “Principalmente a partir do momento em que foi comprada, em 1975, pelo empresário Fernando Gasparian, a Paz e Terra passou a ser uma das mais importantes editoras de livros políticos de oposição do país”¹. Livros que, como *Reflexos do Baile*, abordavam temas delicados para o período.

Escrito durante a Ditadura Militar de 1964, a fábula do romance ora analisado é centrada num baile, organizado pela embaixada britânica, em homenagem a Elizabeth II. Durante a festa, um grupo armado de esquerda tenciona aprisionar a monarca, mas, após de uma série de imprevistos, não obtém sucesso. Logo, com o fracasso do projeto original, o embaixador dos EUA no Brasil é aprisionado. Em pouco tempo, porém, o cativo é descoberto. Seguem-se, por parte dos agentes de repressão, episódios de tortura e violência contra os revolucionários capturados. Registre-se a coragem do autor em explorar o tópos da guerrilha urbana nas páginas de *Reflexos do Baile*.

Coragem, essa, que encaminhou a recepção positiva da narrativa. Na orelha de sua primeira edição, por exemplo, Antônio Houaiss afirma “Antonio Callado atinge neste romance a perfeição na arte da concisão (...) Já que não se pode gargalhar, que se arrebente por dentro, com o subsorriso por fora. Pode-se pedir mais de uma obra-prima?”². De modo sintomático, em *Reflexos do Baile*, por meio da ironia, Callado questiona as ideologias instrumentalizadas por membros da alta cúpula militar com o propósito de perpetrarem atos desumanos. Aliás, com a referida publicação, o autor consolida-se como um arguto intérprete da história recente do Brasil.

Também por isso Callado entendia o respectivo livro como o ápice de sua criação ficcional. Assim, em uma última entrevista em 1997, poucos dias antes de falecer, o autor afirma “É o seguinte. Do ponto de vista da minha carreira de romancista, acho que um único romance meu tem força em si: *Reflexos do Baile*”³. Na referida obra, Callado prioriza a problematização do tempo histórico de longo prazo, atentando-se para as ruínas do passado que ainda assombram o presente. Em consequência, com base num passado que persiste em não passar, o autor cria um romance inventivo. Em nossa concepção, diga-se, *Reflexos* não é

¹ MAUÉS, Flamarion. *Livros contra a ditadura: editoras de oposição no Brasil, 1974-1984*. São Paulo: Publisher Brasil, 2013. p. 44.

² HOUAISS, Antônio. [Orelha do livro]. In: CALLADO, Antonio. *Reflexos do Baile*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976.

³ CALLADO, Antonio. Antonio Callado chega aos 80 e revê obra. *Folha de São Paulo*, janeiro. 1997.

um romance histórico, mas um romance que dialoga com diferentes momentos da história do Brasil⁴.

Um romance, múltiplos tempos históricos

O tempo histórico central de *Reflexos* é circunscrito por um arco que começa em 1967 (ditadura Costa e Silva) e termina em 1974 (governo do ditador Médici). Certos índices temporais atestam isso no enredo, a saber: i. A guerrilha urbana idealizada pelas esquerdas atuou no Brasil entre o final da década de 1960 e o início da década de 1970; ii. A rainha Elizabeth II visitou cidades como Brasília, São Paulo e Rio de Janeiro em novembro de 1968; iii. Os restos mortais de D. Pedro I foram trasladados para o Brasil em 1972, durante as comemorações do sesquicentenário de independência. Mas isso não é tudo. Em *Reflexos*, verifica-se uma profusão de tempos históricos.

Fiquemos apenas na história do Brasil. O tempo histórico central da referida obra dialoga com a chegada dos portugueses na Bahia no início do século XV (a carta escrita por Pero Vaz de Caminha é parodiada no livro), com o declínio dos engenhos nordestinos de açúcar no último quartel do século XVII (as relações sociais enraizadas na escravatura e no patriarcado são exploradas pelo autor) e com a proclamação da República no Brasil oitocentista (o baile da Ilha Fiscal, por exemplo, é um signo constante na fábula do romance). Logo, como num verdadeiro mosaico de fragmentos, *Reflexos do Baile* apresenta-se como uma narrativa caleidoscópica. Constata-se, assim, no enredo da narrativa, um entrelaçamento de diferentes tempos históricos.

Essa interação de diferentes tempos históricos é levada a cabo por intermédio da alegoria. Sobre essa figura de linguagem, João Adolfo Hansen afirma “No encadeamento do discurso ela metaforiza uma expansão das analogias; em cada ponto do discurso, repete um significado ausente, orientando-se para ‘fora’ ou para ‘outro’ diverso daquilo que vai sendo exposto”⁵. Em *Reflexos*, o passado (figura a) é utilizado a fim de colocar em relevo aspectos nem sempre publicáveis acerca do tempo histórico central do romance (figura b)⁶. Dessa

⁴ Para as considerações de Davi Arrigucci Jr. sobre *Reflexos do Baile*, Ver: ARRIGUCCI JÚNIOR, Davi. O baile das trevas e das águas. In: *Outros achados e perdidos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1999. p. 57-73.

⁵ HANSEN, João Adolfo. *Alegoria: construção e interpretação da metáfora*. São Paulo: Atual, 1986. p. 38-39.

⁶ De 312 títulos censurados nos anos 1970 no Brasil (livros dos mais diversos gêneros), de acordo com Sandra Reimão, 300 o foram entre 1975 e 1979. Isto representa mais de 96% do total da década. Somente no ano em que *Reflexos do Baile* foi publicado (1976), 61 obras foram censuradas. A partir dessa análise, portanto, é lícito afirmar que a literatura passou a ser, na segunda metade da década de 1970, uma preocupação primordial para os

maneira, a cada leitura alegórica, a interpretação do tempo histórico central do romance torna-se progressivamente mais complexa (figura c).

Ressalte-se que esse passado não é mecanicamente replicado no tempo histórico central do romance. Alegorias não são simples transposições. Trata-se de uma relação dialógica entre duas figuras textuais. Sendo que, dessa interação, um terceiro mundo simbólico surge. Assim, por meio da alegoria, o leitor virtual de *Reflexos* se vale de um arcabouço de vivências provenientes do passado (“espaço de experiência”) a fim de tecer interpretações mais ricas a respeito do tempo histórico central do romance⁷. Essas vivências do passado, é preciso dizer, são igualmente representadas por Callado na obra, o que lhes conferem importância estratégica na exegese da fábula. Em síntese, no livro ora analisado, o passado complexifica o presente.

Com isso, pretende-se ler nas entrelinhas de *Reflexos do Baile* certas vicissitudes históricas. Para Dominick Lacapra, “o romance é relevante à pesquisa histórica na medida em que pode ser convertido em informação ou conhecimento útil”⁸. A Guerra de Canudos, por exemplo, é um índice histórico muito reportado em *Reflexos*. No ideário imagético de Callado, diga-se, o massacre de Belo Monte persistia em ecoar no tempo histórico da Ditadura Militar. Assim, em *Reflexos do Baile*, o autor recorre à exemplaridade de Canudos – “vozes contestatórias do passado”⁹ – com o propósito de prospectar inúmeras “feridas históricas” ainda incômodas na época da escritura do livro¹⁰. Feridas, essas, estudadas nessa pesquisa.

A partir dessas considerações, definimos o objetivo desse trabalho, qual seja, problematizar a interação alegórica existente nas páginas de *Reflexos* entre os primeiros anos após a proclamação da República no Brasil e o tempo histórico central do respectivo romance. Por certo, cada uma dessas épocas está inserida num “regime de historicidade” diferente¹¹. Entretanto, em nosso entendimento, na fábula de *Reflexos do Baile*, elas dialogam entre si. Nesse instante, cabe a pergunta. O que aproxima esses dois tempos históricos? De início,

censores. REIMÃO, Sandra. *Repressão e resistência: censura a livros na Ditadura Militar*. São Paulo: Edusp, 2011. p. 33.

⁷ KOSELLECK, Reinhart. *Futuro passado: contribuição à semântica dos tempos históricos*. Tradução: Wilma Patrícia Maas, Carlos Almeida Pereira. Rio de Janeiro: Contraponto, 2006. p. 305-327.

⁸ LACAPRA, Dominick. História e romance. *Revista de História*, São Paulo, v. 2, n. 3, 1991. p. 107-124.

⁹ *Idem, ibidem*.

¹⁰ MAIA, Tatyana de Amaral. *Os cardeais da cultura nacional: o Conselho Federal de Cultura na Ditadura Civil Militar (1967-1975)*. São Paulo: Iluminuras, 2012. p. 152.

¹¹ HARTOG, François. *Regimes de historicidade: presentismo e experiências do tempo*. Vários tradutores. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2015. p. 17-41.

verifica-se nos respectivos períodos a observância do Exército brasileiro como uma instituição político-militar influente nas decisões administrativas em âmbito nacional.

A literatura evoca a história do Brasil

Com base num pacto oligárquico-militar, a República é proclamada em 1889. Sete anos depois, pressionado por coronéis e por quadros da Igreja Católica, o Exército começa a marchar para o sertão da Bahia a fim de submeter o arraial de Canudos. Habitado por “mulatos, mamelucos, índios, mestiços, brancos, caboclos e negros”, o vilarejo fora idealizado por Antônio Conselheiro: um líder místico, crítico dos altos impostos exigidos pelo governo republicano¹². Diante da miséria, consequência das intempéries e da excessiva exploração do trabalho, a cidadela de Belo Monte resiste.

Assim, a despeito de possuírem uma tecnologia militar ínfima, os sertanejos de Canudos rechaçaram três investidas das tropas nacionais. Isso porque, conhecedores da geografia da região, os sertanejos armavam emboscadas para os destacamentos militares, numa estratégia quase sempre vitoriosa. Em outubro de 1897, no entanto, o arraial é completamente destruído: suas casas são queimadas, alguns de seus moradores são degolados e muitas de suas mulheres estupradas¹³. Anos depois, nas palavras de Euclides da Cunha, a brutalidade do Exército na repressão à Canudos torna-se uma “nódoa” na história daquela instituição¹⁴.

No romance *Reflexos do Baile*, tanto o Exército quanto a Guerra de Canudos são motivos representados. O Exército, por meio de personagens específicas. A guerra, recorrendo a excertos em diferentes partes do enredo. Dessa maneira, em certa altura da ação dramática do livro, uma personagem chefe das forças de repressão afirma “Oriundas da Guerra de Canudos, as favelas do Rio, atavicamente a serviço, ainda, do Conselheiro, são (...) o câncer ósseo em nosso esqueleto implantado, são a imagem de barro da nossa pieguice e incompetência, a nossa Cartago, que é preciso destruir”¹⁵. Em *Reflexos*, diga-se, Callado tenciona ressignificar o massacre de Canudos a fim de inseri-lo num outro contexto.

¹² TELLES, Marcela. Canudos (1893-7). In: SCHWARCZ, Lilia; STARLING, Heloisa (Orgs). *Dicionário da república: 51 textos críticos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2019. p. 46-52.

¹³ *Idem, ibidem*.

¹⁴ CUNHA, Euclides da. *Os sertões: campanha de Canudos*. 5ª edição. São Paulo: Ateliê editorial, 2018. p. 735-736.

¹⁵ CALLADO, Antonio. *Reflexos do Baile*. Rio de Janeiro: MEDIAfashion, 2008. p. 77-78.

Por isso, na respectiva obra, as populações marginalizadas das grandes cidades são apresentadas como as atuais representantes da resistência popular hasteada por Canudos. Ademais, atente-se para as últimas palavras do excerto. As favelas como “a nossa Cartago, que é preciso destruir”¹⁶. A belicosidade da intervenção é evidente. Depreende-se, assim, em termos históricos, que a violência estatal perpetrada pelo Exército nos primeiros anos da República fora estendida para o século posterior.

Em nossa concepção, a violência estatal é o principal signo alegórico que aproxima os primeiros anos de República com o tempo histórico central de *Reflexos do Baile*. Historicamente, em ambos os períodos, o Exército utiliza-se da violência a fim de levar a cabo inúmeras missões políticas. Além disso, é com o propósito de justificar a violência estatal empregada nessas duas épocas, que a alta cúpula militar idealiza a figura do “inimigo interno”. Na simbologia das Forças Armadas, o “inimigo interno” é capaz de desestabilizar a pátria e, por isso, precisa ser combatido. Em termos pragmáticos, entretanto, raramente esses hipotéticos “inimigos internos” oferecem riscos à nação.

A narrativa segue e uma personagem membro do Exército afirma “Lembraí-vos do Conselheiro, endeusado por um dos nossos, e do trabalho que até hoje dá não deixá-lo chegar aos meninos do colégio como líder camponês em luta contra o pagamento de impostos além de taumaturgo e milagreiro”¹⁷. Na passagem, percebe-se uma alusão à certa manipulação da história. De fato, sabe-se que a partir do final da década de 1960, com o auxílio do Conselho Federal de Cultura (CFC) e do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB), integrantes das Forças Armadas começam a instrumentalizar a história brasileira com o objetivo de despertar um pretense “sentimento cívico-patriótico” na população¹⁸.

Conforme Tatyana de Amaral Maia,

No Brasil, a construção da memória oficial esteve relacionada aos grandes atos heroicos e aos momentos supostamente vitoriosos da nação. Raramente encontramos passagens que demonstram as feridas históricas, as mazelas do país, ou mesmo lutas internas que ameaçassem a cordialidade e a unidade do ‘povo brasileiro’¹⁹.

¹⁶ CALLADO, Antonio. *Reflexos do Baile*. Rio de Janeiro: MEDIAfashion, 2008. p. 77-78.

¹⁷ CALLADO, Antonio. *Reflexos do Baile*. Rio de Janeiro: MEDIAfashion, 2008. p. 80.

¹⁸ Os primeiros indícios de instrumentalização da história do Brasil por parte do Exército remontam à proclamação da República. Para mais, Ver: CORDEIRO, Janaina Martins. *A ditadura em tempos de milagre: comemorações, orgulho e consentimento*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2015. p. 91.

¹⁹ MAIA, Tatyana de Amaral. *Os cardeais da cultura nacional: o Conselho Federal de Cultura na Ditadura Civil Militar (1967-1975)*. São Paulo: Iluminuras, 2012. p. 152.

Assim, no campo da memória coletiva, o Exército apresenta-se como uma espécie de guardião da “história oficial”. Com isso, resistências populares do passado são relegadas a um processo de silenciamento. Peguemos como exemplo o livro didático “História do Brasil em cores”, escrito por Souza Diniz no contexto das comemorações do sesquicentenário da independência e publicado pela editora Martins Maltese. Esse paradidático possui mais de cem laudas, mas somente um pequeno espaço de página é reservado à Guerra de Canudos. Não obstante, nessas quase três linhas, os sertanejos de Belo Monte são tratados como “jagunços fanáticos” por Diniz²⁰.

Desse modo, seja por meio da educação ou da propaganda estatal, os ditadores Costa e Silva e Médici concebem uma história brasileira hipoteticamente pacífica, “baseada numa concepção de tempo linear, em que o progresso aparecia como o destino manifesto da nação”²¹. Um constructo historicamente inverídico, portanto, tanto para as referências do passado (a violência estatal sempre presente na história republicana do Brasil) quanto para os acontecimentos daquele presente (com base na Doutrina de Segurança Nacional, esses dois ditadores foram responsáveis por reprimir os adeptos das ações armadas organizadas pelas esquerdas).

Considerações finais

Em 1968, o governo do ditador Costa e Silva finaliza grande parte da obra do açude de Cocorobó, no interior da Bahia. De modo sintomático, Getúlio Vargas tentara sem sucesso empreender a referida construção. Em termos oficiais, o represado foi edificado com o propósito de levar água para o sertão. Na prática, porém, o propósito dos ditadores era outro²². Com o término da obra, as ruínas do antigo arraial de Canudos são completamente inundadas. Em *Reflexos do Baile*, uma personagem do departamento de segurança do Exército afirma “Tivemos faz pouco o trabalho e a despesa de afogar Canudos embaixo de Cocorobó”²³. Observador sensível, Callado entendeu o que pretendiam os militares.

²⁰ DINIZ, Souza. *História do Brasil em cores: trópico histórico*. São Paulo: Martins Maltese, 1974. p. 88.

²¹ CORDEIRO, Janaina Martins. *A ditadura em tempos de milagre: comemorações, orgulho e consentimento*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2015. p. 91.

²² A própria imprensa do período questionava a serventia do açude de Cocorobó no combate à seca. Ver, por exemplo: CAMPOS, Gervásio. A riqueza ronda esquecido e miserável recanto do Nordeste. *Diário de Pernambuco*, setembro. 1968.

²³ CALLADO, Antonio. *Reflexos do Baile*. Rio de Janeiro: MEDIAfashion, 2008. p. 104.

Logo, num artigo publicado em 1996, o autor descreve Canudos como um “Brasil trágico, que não acaba nunca”²⁴. Ideia parecida pode ser lida nas entrelinhas de seu *Reflexos do Baile*, vinte anos antes. No respectivo romance, Callado registra a trágica história dos vencidos, esmagados pela violência estatal. Além disso, com a publicação de *Reflexos*, o autor logra se posicionar contra os mitos criados pela Ditadura Militar. Com efeito, como procuramos demonstrar no decorrer desse trabalho, a história brasileira não é “pacífica”.

Ainda sobre Cocorobó. Após a entrega da construção, os descendentes dos primeiros povoadores de Canudos são expulsos de suas antigas terras e começam a erigir uma terceira cidadela a poucos quilômetros do lago da barragem. Nos períodos de seca, as águas do Cocorobó recuam e as ruínas de uma pequena torre de igreja são avistadas. Canudos não desapareceu, portanto, como tencionava certos ditadores. Conforme um comentário de uma personagem membro das Forças Armadas em *Reflexos do Baile*, sobre a história do Brasil: É “do ventre pulverulento ou viscoso de suas secas e enchentes, que é parido e reparido o Antônio Conselheiro”²⁵.

Referências Bibliográficas

ARRIGUCCI JÚNIOR, Davi. O baile das trevas e das águas. In: *Outros achados e perdidos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1999. p. 57-73.

CALLADO, Antonio. *Reflexos do Baile*. Rio de Janeiro: MEDIA fashion, 2008.

CORDEIRO, Janaina Martins. *A ditadura em tempos de milagre: comemorações, orgulho e consentimento*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2015.

CUNHA, Euclides da. *Os sertões: campanha de Canudos*. 5ª edição. São Paulo: Ateliê editorial, 2018.

SCHAWARCZ, Lilia Moritz; STARLING, Heloisa Murgel (Orgs.) *Dicionário da república: 51 textos críticos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

DINIZ, Souza. *História do Brasil em cores: trópico histórico*. São Paulo: Martins Maltese, 1974.

HANSEN, João Adolfo. *Alegoria: construção e interpretação da metáfora*. São Paulo: Atual, 1986.

²⁴ CALLADO, Antonio. Há um século o Brasil afunda com Canudos. *Folha de São Paulo*, abril. 1996.

²⁵ CALLADO, Antonio. *Reflexos do Baile*. Rio de Janeiro: MEDIAfashion, 2008, p. 31.

- HARTOG, François. *Regimes de historicidade: presentismo e experiências do tempo*. Vários tradutores. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2015.
- HOUAISS, Antônio. [Orelha do livro]. In: CALLADO, Antonio. *Reflexos do Baile*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976.
- KOSELLECK, Reinhart. *Futuro passado: contribuição à semântica dos tempos históricos*. Tradução Wilma Patrícia Maas, Carlos Almeida Pereira. Rio de Janeiro: Contraponto, 2006.
- LACAPRA, Dominick. História e romance. *Revista de História*, São Paulo, v. 2, n. 3, 1991. p. 107-124.
- MAIA, Tatyana de Amaral. *Os cardeais da cultura nacional: o Conselho Federal de Cultura na Ditadura Civil Militar (1967-1975)*. São Paulo: Iluminuras, 2012.
- MAUÉS, Flamarion. *Livros contra a ditadura: editoras de oposição no Brasil, 1974-1984*. São Paulo: Publisher Brasil, 2013.
- REIMÃO, Sandra. *Repressão e resistência: censura a livros na Ditadura Militar*. São Paulo: Edusp, 2011.